

VARIAÇÃO NO USO DO PRONOME REFLEXIVO NO PORTUGUÊS POPULAR DA CAPITAL PAULISTA E FATORES DE NATUREZA SOCIAL

Deize Crespim PEREIRA¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar o peso de fatores de natureza social na variação no uso dos pronomes reflexivos no português popular de São Paulo. O *corpus* sob análise, oriundo do *Projeto Português Popular em São Paulo*, é composto de 72 inquéritos de informantes adultos de ambos os sexos, analfabetos ou semi-escolarizados, paulistanos ou migrantes, que moram em favelas da capital paulista. Metade desses inquéritos foi gravada entre os anos de 1986-1987, e a outra metade entre os anos de 1997-2001. Os pressupostos teórico-metodológicos adotados são fornecidos pela Sociolinguística Variacionista Laboviana. O pacote de programas estatísticos Goldvarb é utilizado para o tratamento estatístico dos dados. Num estudo tipo tendência (LABOV, 1994), que combina a análise em tempo real e em tempo aparente, constatamos a relevância de quatro fatores sociais: procedência, favela, idade e escolaridade. O trabalho mostra que a interação entre informantes nordestinos e aqueles provenientes da região Sudeste tem peso decisivo na variação que atinge as formas pronominais reflexivas no português popular de São Paulo. Comprovamos, ainda, que a favela onde reside o informante, e onde ele estabelece sua primeira rede social, também exerce influência nesta variação.

PALAVRAS-CHAVE: pronomes reflexivos; português popular; fatores sociais; Sociolinguística Variacionista

Introdução

O objetivo do presente trabalho é analisar o peso de quatro fatores de natureza social – procedência, favela, idade e escolaridade – na variação no uso dos pronomes reflexivos no português popular de São Paulo.

O *corpus* sob análise, oriundo do *Projeto Português Popular em São Paulo*, é composto de 72 inquéritos de informantes adultos de ambos os sexos, analfabetos ou

¹ USP / Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas / Departamento de Letras Orientais. End.: Av. Professor Luciano Gualberto, no. 403, cep. 05513-970. Cidade Universitária. São Paulo/SP - Brasil. deize.pereira@usp.br

semi-escolarizados, paulistanos ou migrantes de outras regiões do Brasil, que moram em favelas da capital paulista.

Os pressupostos teórico-metodológicos adotados são fornecidos pela Sociolinguística Variacionista Laboviana. Os dados coletados nos 72 inquéritos examinados são submetidos ao conjunto de programas estatísticos Goldvarb, o qual fornece os índices de frequência e pesos relativos de cada fator condicionante, bem como seleciona os fatores numericamente significativos para explicar esta variação.

Para obter dois conjuntos de dados de tempo real e de tempo aparente, valemos-nos de 36 entrevistas realizadas por Angela C. S. Rodrigues, nos anos de 1986-1987 (cf. RODRIGUES, 1987), e de 36 entrevistas feitas por seus alunos de pós-graduação, entre 1997 e 2001. Esta segunda amostra pode ser caracterizada como um estudo do tipo *tendência*.

Os dois métodos propostos por Labov (1994, 2001) para re-estudar uma comunidade, de modo a obter novos dados em tempo real, são os estudos do tipo *painel* (*panel study*) e do tipo *tendência* (*trend study*). O estudo tipo painel contacta os mesmos falantes que fizeram parte do primeiro estudo, para entrevistá-los novamente. Mas, como nota Labov, se estamos lidando com uma grande população urbana, será difícil localizar os mesmos indivíduos que integraram o estudo anterior. Então a proposta do estudo tipo tendência é seguir os mesmos procedimentos, embora com indivíduos diferentes, para obter uma segunda amostra representativa da comunidade.²

Na segunda amostra (1997-2001), recolhida pelos alunos de Rodrigues, usam-se os mesmos métodos de coleta de dados e os mesmos critérios para seleção de informantes adotados na primeira amostra (1986-1987). Os dados estão separados por um período de no mínimo 10 anos – o que satisfaz o intervalo de tempo mínimo

² Segundo Labov (1994), o estudo do tipo tendência é o mais adequado para estudar mudanças linguísticas em progresso, porque proporciona 2 conjuntos de dados de tempo aparente e de tempo real.

sugerido por Labov (1994) (de 5 a 10 anos) para obter uma visão geral dos padrões de variação e avaliar se a variável implica, ou não, uma mudança lingüística em curso.

Estes *corpora* também podem ser caracterizados com base nos conceitos de “*estudo localizado*” (“*site study*”) e “*amostra aleatória*” (“*random sample*”) de Labov (2001). A amostra aleatória de indivíduos dá a cada um a mesma oportunidade de entrar na amostra e constitui o procedimento mais adequado para identificar o comportamento, as opiniões e as práticas características de uma grande comunidade urbana, como São Paulo. Na medida em que o *corpus* recolhido pelos alunos da Profa. Angela C. S. Rodrigues, entre os anos de 1997 e 2001, inclui dados de língua falada de informantes de várias favelas da capital paulista, as quais foram escolhidas ao acaso por cada aluno, podemos considerar este material como uma amostra aleatória.

O estudo de Rodrigues (1987), por outro lado, pode ser caracterizado como um estudo localizado: ele abre mão de representar a comunidade inteira, para ter um entendimento mais profundo de como os falantes se relacionam numa comunidade específica, no caso, as favelas do Jardim Carombé e do Jardim Paulistano, ambas na zona norte da cidade de São Paulo.

É importante notar, porém, que estamos considerando que os moradores de favelas da capital paulista integram uma grande comunidade lingüística urbana, composta de pessoas de procedência diversa que fazem uso de uma variedade não-padrão, convencionalmente rotulada de “português popular” por Rodrigues (1987).

Nas grandes capitais brasileiras, principalmente na capital federal e naquelas das regiões Sul e Sudeste, de que São Paulo é legítima representante, verifica-se um fenômeno especial de variação sociolingüística, explicável pelo intenso fluxo migratório de todas as regiões do Brasil, principalmente do Nordeste, em direção aos grandes

centros urbanos. Percebe-se que, na cidade grande, a variedade lingüística que utilizam os migrantes em seus estados de origem, deixa de representar, significar ou simbolizar sua região, já que passam a compor o imenso contingente de mão-de-obra não especializada, uma grande maioria de pobres, analfabetos, membros de um estrato social inferior.

A variedade de língua que utilizam, regional na origem, torna-se variedade social, símbolo de uma posição social inferior. Os migrantes vão constituir, com a população da capital e de regiões próximas a ela, pertencente ao mesmo estrato social, um extenso grupo de usuários de uma variedade popular ou não-padrão, estigmatizada, que se torna, ela mesma, um indicador da classe socioeconômica a que pertencem... (RODRIGUES, 1987, p.80-81)

Sem deixar de atentar para o conjunto de características sociais destes informantes – que faz deles um grupo sociolingüísticamente determinado e torna uniforme o seu padrão de vida –, é o seu grau de escolaridade (até no máximo 4 anos de escolarização) que constitui o parâmetro decisivo para classificá-los como membros de uma comunidade lingüística que utiliza uma variedade denominada português popular (RODRIGUES, 1987).

Nos 72 inquéritos examinados, recolhemos todas as ocorrências de pronome reflexivo explícito, ou zero, em contextos em que se esperaria a sua realização. A pesquisa não se restringe à variação entre *se* x zero, já que contempla todas as pessoas do discurso e todas as formas pronominais, sejam elas átonas ou tônicas.

As ocorrências coletadas abrangem quatro categorias semânticas do pronome reflexivo:

1) reflexivo verdadeiro: assinala reflexividade semanticamente não esperada; exs.:

- (1) Aí eu falu assim... aí eu falu assim né? qui minha vida acabô... não tem mais sentidu... às veiz eu pensu até im **mi matá... mi jogá** debaixo da ponti... porque é muita agitação... aí eu ficu muito agitada sabi? aí passa aquelas coisa assim... pela minha cabeça sabi? aí na mesma hora... aí eu óiu pas criança né? i pensu um pocu... porque eu já fui fazê issu aí ... naquela hora qui eu fui né? tá cum um anu mais ou menu... eu fui **mi jogá** lá na duta. (2000 I. K,p.33)
- (2) Não sentí medo porque a gente é muito fechado a gente vem do interior que principalmente quem viveu na roça tudo a gente parece que a gente a gente fica tá sempre assim. Hoje em dia não ando assim. Eu **gosto de mim** eu gosto do que faço gosto do que sô gosto da minhas patroa sabe? (I.x,p.110)
- (3) quando foi a noite a gente foi na casa da irmã dele aonde ele ficava e ele elas gozaru tanto dele que ele ficô que assim nervoso e ficô dentro do quarto né? **escondeu** lá no quarto e tinha uma Justina que era muito atentada , gostava de atentá ele, e ele era assim meio sistemático que ele **se escondeu** lá e ela começô agarrá ele pelo braço né? (I.i,p.50)
- (4) Então eu eu achei que aqui por muito que a gente ainda não teve a possibilidade de levantá um barraquinho melhó, mais tá bem bem melhó porque aqui a gente tem convivência com todo mundo e ninguém **envolve** com a vida do otro né? cada qual trabalha (I.i,p.56)

2) reflexivo lexical: assinala reflexividade esperada ou necessária; exs.:

- (5) porque eu não gostava da escola, falo memo não gostava de estudá né? estudava na marra, à força e esse poquinho que eu aprendi pra mim eu acho que valeu a pena né? que eu até hoje **arrendi** de não tê aprendido mais né? (I.b,p.9)
- (6) Inf. porque tomá comprimido não tem problema nenhum agora depois que você descobre que matô seu filho ah meu Deus do céu/ Doc. Deve dar uma dor né? / Inf. é uma dô tão triste mas uma dô tão triste quando eu **me lembro** disso eu não gosto de **lembrá** me dá vontade de chorá (I.r,p.13)

3) reflexivo recíproco: assinala uma ação/relação mútua entre dois participantes; exs.:

- (7) Tem até o barzinho na esquina ali que é o ponto dos artista chama Bar dos Artista né? Fica na esquina da Paissandú com a São João Então (...) eles **se reúne** toda segunda fera só segunda né? Então eles **reúne** lá assim e então eles procura bailes shows tudo quanto é artista né? (I.w,p.15)
- (8) Minha terra é bom pra quem tem, aqui é ruim mais a gente é mais fácil de conseguí um emprego aqui muitas pessoa ajuda os pobre se a pessoa tá numa crise muito ruim vai num numa assistente social consegue um um mantimento pra se alimentá uns dia se tá uma ropa se o cara tá numa crise ruim vai um () até os favelado **ajuda um os otro mesmo** né? (I.3,p.5)
- (9) Doc. a sua esposa é daqui de Arujá ou ela é de outro estado?(...) o senhor poderia dizer como a conheceu?/ Inf. bom... comu a conheci?/Doc. é/ Inf. aí eu vô dizê comu conheci... eu achu qui eu conheci trabalhau né? trabalhau junto... aí a genti **si conheceu** né? aí ela tinha o que? achu qui uns onzi anu... quanu a genti **conheceu**... ela tinha onzi anu... eu tinha uns trezi anu... trabalhava junto numa chácra... (2000 I.L.p.46)

4) passiva reflexiva: assinala um processo que recai sobre o sujeito e do qual ele é Paciente; exs.:

(10)Doc. Onde ela foi operada? / Inf. Lá no Hospital São Paulo muito tempo que ela **se trata** lá / Doc. Qual médico? Doutor Ênio? / Inf. É é dotor ai como é que é o nome? é é dotor Ênio ela **se trata** com ele também (I.y,p.41)

(11)Doc. Cê nasceu na roça? / Inf. Eu nasci na cidade mais **criei** na roça né? (I.v,p.4)

Em estudo anterior (cf. PEREIRA, 2007), examinamos a variação no uso dos pronomes reflexivos no português popular de São Paulo, levando em conta a relação entre fatores lingüísticos e sociais. O presente trabalho se restringe à análise do peso de quatro fatores sociais nesta variação; são eles: procedência, favela, idade e escolaridade.

Fatores sociais

Procedência

As favelas da capital paulista abrigam um extenso contingente populacional que se compõe não somente de paulistanos, mas também migrantes da zona rural do estado de São Paulo e de outros estados brasileiros, principalmente da região Nordeste. Resulta disto uma situação de contato lingüístico entre variedade urbana e variedades rurais de diferentes partes do Brasil (RODRIGUES, 1987).

Em estudo recente (RODRIGUES; PEREIRA, 2006), constatamos que a dicotomia rural x urbano exerce peso decisivo na variação que atinge os pronomes reflexivos no português popular: informantes da região urbana, mais especificamente os residentes na capital paulista, apresentam índices bem mais altos de realização desses

pronomes (43%, peso relativo: 0.61) do que informantes que habitam a zona rural dos estados de São Paulo e Minas Gerais (12%, peso relativo: 0.42).

Analisando casos de duplicação do pronome reflexivo (ex.: *ele se revoltou se*) na fala de informantes nordestinos (cidade de Fortaleza e estado da Paraíba), e baseando-se em estudos que constataram a tendência de omissão do pronome na região Sudeste, mais especificamente, em São Paulo (NUNES, 1995) e Minas Gerais (D'ALBUQUERQUE, 1984; cf, também ASSIS, 1988), Oliveira (2006) hipotetiza que haveria uma tendência de apagamento de *se* na região Sudeste, e de sua conservação e extensão na região Nordeste.

A partir dessas observações, estabelecemos a hipótese de que a procedência do informante, isto é, o seu local de nascimento, bem como o contato lingüístico com falantes de diferentes variedades do português do Brasil a que este informante está exposto na capital paulista, exerceriam influência na variação no uso dos pronomes reflexivos.

O fator social procedência do informante só foi selecionado como estatisticamente significativo no *corpus* de 1986-7. Neste conjunto de dados, porém, ele foi o fator social mais relevante da análise.

As quatro regiões da tabela a seguir foram estabelecidas com base no estudo de Rodrigues (1987).

Tabela 1: frequência e peso relativo de realização do pronome reflexivo segundo a procedência do informante (*corpus* de 1986-7)

Procedência	Corpus de 1986-7	
	Frequência	Peso relativo
São Paulo (capital)	59/167=35%	0.37
Noroeste do estado de São Paulo e Norte do Paraná	14/47=29%	0.27
Norte de Minas Gerais e Sul da Bahia (até Jequié)	137/472=29%	0.42
Nordeste (Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Ceará)	147/202=72%	0.79
Total	357/888=40%	

A tabela 1 mostra que são os informantes provenientes do Nordeste os que mais realizam os pronomes reflexivos (frequência: 72%; peso relativo: 0.79). Mais do que isto, a tabela indica que tais informantes se contrapõem àqueles provenientes das outras três regiões, os quais tendem a omitir o pronome em sua fala.

No *corpus* de 1997-2001, os informantes nordestinos também empregaram os pronomes com uma maior frequência (47%) do que os informantes provenientes de outras regiões; contudo, a diferença não foi tão significativa, como demonstra a tabela 2 a seguir.

Tabela 2: frequência de realização do pronome reflexivo segundo a procedência do informante (*corpus* de 1997-2001)

Procedência	Corpus de 1997-2001
	Frequência
São Paulo (capital)	24/69=34%
Noroeste do estado de São Paulo	39/98=39%
E Norte do Paraná	
Norte de Minas Gerais e Sul da Bahia (até Jequié)	68/205=33%
Nordeste (Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Ceará)	207/432=47%
Total	338/804=42%

É possível que esta diferença, entre os dois conjuntos de inquiridos, se deva ao tempo de permanência dessas pessoas em São Paulo e à sua interação com falantes de outras variedades.

Os dados da primeira tabela (*corpus* de 1986-7) corroboram a hipótese de Oliveira (2006), de que haveria uma tendência de retenção de *se* na região Nordeste do país e de seu apagamento na região Sudeste. É importante notar que a maioria desses informantes nordestinos, que apresentam altos índices de realização do pronome reflexivo, possuía, à época, pouco tempo de residência em São Paulo.

Grande parte dos informantes de 1997-2001 é nordestina, mas muitos vivem em São Paulo há mais de 20 anos. Retomando aqui a idéia de que a interação seria o lugar da mudança lingüística (LABOV, 1994, 2001; CASTILHO, 2001)³, é possível formular a hipótese de que eles tenham sido influenciados pelos informantes da região Sudeste, aumentando os casos de apagamento do pronome em sua fala.

O tempo de permanência em São Paulo e o contato com falantes de outras variedades explicariam ainda porque o fator procedência não se mostra relevante no *corpus* de 1997-2001. Nossos dados sugerem que, passadas duas décadas de sua mudança para a capital paulista, o migrante tende a ajustar a sua fala, comportando-se lingüisticamente como qualquer outro falante do português popular de São Paulo, independentemente de sua procedência.

Favela

O fator social favela foi inspirado no estudo de Labov (2001). O autor propõe a noção de *bloco* – um conjunto de casas de frente umas para as outras ao longo de uma rua residencial – para dar conta da diferenciação lingüística entre comunidades. O bloco constitui o primeiro ponto onde se localizam as redes sociais.

Muitos de nossos informantes têm residência fixa, isto é, moram nestas favelas há muitos anos. Apesar de todos eles terem um padrão de vida muito semelhante,

³ Sob uma perspectiva funcionalista, Castilho (2001) hipotetiza que um dos momentos decisivos da mudança lingüística estaria na interação conversacional. A avaliação das identidades lingüísticas envolvidas no ato de fala, a busca do ajuste entre o “eu” e o “outro”, visando à cooperação conversacional, e os contatos inter e intralingüísticos atuariam como gatilhos discursivos da mudança. Labov (1994, 2001) também atribui um papel central à interação no processo de difusão da mudança lingüística. Isto o leva a supor que as cidades sempre foram os centros de inovação lingüística, na medida em que constituem o espaço geográfico e social no qual os falantes trocam influências lingüísticas mútuas, através de uma série de interações diárias (LABOV, 1994). Grandes metrópoles, como São Paulo, permitem que estas interações se dêem entre falantes de procedência diversa e de diferentes grupos sociais.

levantamos a hipótese de que a comunidade onde residem exerceria influência na frequência de uso do pronome reflexivo. Cada uma tem suas próprias especificidades e, pelo menos em tese, o grau de interação entre pessoas da mesma favela é maior do que seu contato com pessoas de outras comunidades.

O fator social favela foi selecionado como numericamente significativo em ambos os conjuntos de dados. Examinemos primeiramente os resultados relativos ao *corpus* de 1986-7.

Tabela 3: frequência e peso relativo de realização do pronome reflexivo conforme a favela onde reside o informante (*corpus* de 1986-7)⁴

Favela	Corpus de 1986-7	
	Frequência	Peso relativo
Carombé	82/288=28%	0.38
Jardim Paulistano	275/600=45%	0.55
Total	357/888=40%	

A relevância deste fator, no *corpus* de 1986-7, é surpreendente. Ainda que geograficamente muito próximas, as comunidades do Carombé e do Jardim Paulistano (ambas na zona norte da cidade de São Paulo) apresentam um comportamento lingüístico diferenciado. A segunda tende a empregar o pronome com uma maior frequência e probabilidade do que a primeira. Isto confirma a diferenciação natural da língua, que, como nota Labov (1994), pode atingir pessoas que residem na mesma região e têm um padrão de vida idêntico.

Vejamos os resultados do *corpus* de 1997-2001:

⁴ Há 12 informantes do Jardim Carombé e 24 do Jardim Paulistano.

Tabela 4: frequência e peso relativo de realização do pronome reflexivo conforme a favela onde reside o informante
(*corpus* de 1997-2001)

Favela	<i>Corpus</i> de 1997-2001	
	Frequência	Peso relativo
Grupo 1		
Campo Limpo	19/31=61%	0.66
Capão Redondo	19/92=20%	0.27
Cidade Ipava	34/68=50%	0.55
Engenheiro Marcilac	14/34=41%	0.53
Vila São José	35/58=60%	0.76
Grupo 2		
São Remo (Butantã)	15/50=30%	0.50
Buraco Quente (Brooklin)	14/37=37%	0.30
Buraco do Sapo (Aeroporto)	7/27=25%	0.39
Vila Santa Catarina (Jabaquara)	32/65=49%	0.58
Heliópolis	31/90=34%	0.36
Grupo 3		
Jardim D'Abril	17/38=44%	0.54
Guaianazes	22/43=51%	0.52
São Miguel Paulista	24/31=77%	0.77
Grupo 4		
Guarulhos	55/140=39%	0.50
Total	338/804=42%	

As designações da tabela 4 se referem ora ao bairro, ora ao nome da favela onde reside o informante.⁵

No grupo 1 estão as favelas situadas no extremo sul da cidade de São Paulo (Campo Limpo, Capão Redondo, Cidade Ipava, Engenheiro Marcilac e Vila São José). Examinando as frequências e os pesos relativos, vemos que há, em geral, uma tendência de realização do pronome reflexivo na fala das pessoas que moram nestas comunidades. A única exceção são os informantes da favela do Capão Redondo, que apresentam a tendência de omissão (20%, peso relativo: 0.27).

O grupo 2 abrange as favelas que são relativamente próximas do centro (São Remo, no Butantã; favela do Buraco Quente, no Brooklin; favela do Buraco do Sapo, no Aeroporto; Vila Santa Catarina, no Jabaquara; e Heliópolis). Os números de peso relativo e principalmente de frequência mostram que, na fala das pessoas destas

⁵ O *corpus* de 1997-2001 é muito mais heterogêneo do que o de 1986-7, já que compreende informantes de várias favelas de São Paulo. Para cada favela, há no mínimo 2, e no máximo 4 informantes. A única exceção é a favela do Campo Limpo, na qual contamos com apenas 1 informante.

comunidades, há a tendência de não-realização do pronome. Mais uma vez, há uma exceção: a favela de Vila Santa Catarina, que apresenta a tendência oposta (49%, peso relativo: 0.58).

No grupo 3 estão as comunidades da zona leste (Jardim D'Abril, Guaianazes e São Miguel Paulista). Os pesos relativos bem como as frequências indicam que nestas favelas o uso do pronome reflexivo se mostra favorecido.

O grupo 4, por fim, abrange os únicos informantes que não residem na cidade de São Paulo, mas no município de Guarulhos. Na fala deles, é baixa a frequência de realização do pronome, e o peso relativo (0.50) indica não ser este um subfator influente.

Os resultados apontam para duas tendências: favelas relativamente próximas do centro de São Paulo (grupo 2) tendem a inibir o uso do pronome reflexivo, ao passo que aquelas que se situam em bairros mais periféricos (grupo 1 e 3) tendem a favorecer a sua realização.

Entendemos que um estudo muito mais detalhado seria necessário para comprovar a influência da favela onde reside o informante em fenômenos lingüísticos variáveis, tais como a realização x não-realização do pronome reflexivo. Tal estudo – que vai além dos objetivos do presente trabalho – teria de levar em conta a interação entre fatores sociais (procedência, idade, escolaridade, etc.), bem como a história de cada comunidade e a história pessoal de cada informante, como Labov (2001) vem fazendo em seus trabalhos mais recentes.

O fato de este fator social ter sido selecionado em ambos os *corpora* aponta para a relevância de se estudar outros fatores sociais, além dos já tradicionalmente contemplados na literatura sociolingüística.

Idade

O fator idade foi selecionado nos dois conjuntos de inquiridos. É a partir dele, que analisaremos a possível relação entre variação e mudança no uso dos pronomes reflexivos. Os resultados são exibidos na tabela 5.

Tabela 5: frequência e peso relativo de realização dos pronomes reflexivos conforme a idade do informante

Idade	Corpus de 1986-7		Corpus de 1997-2001	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
1ª faixa etária (20-35 anos)	75/201=37%	0.57	137/258=53%	0.64
2ª faixa etária (36-50 anos)	97/297=32%	0.43	114/273=41%	0.46
3ª faixa etária (mais de 50 anos)	185/390=47%	0.50	87/273=31%	0.40
Total	357/888=40%		338/804=42%	

Se examinarmos somente as frequências da tabela 5, vemos que ela apresenta resultados diferentes para os dois *corpora*. Nos anos de 1986-7, eram os falantes de terceira faixa etária os que mais realizavam os pronomes reflexivos (47%). Já nas entrevistas de 1997-2001, eram os adultos jovens os que apresentavam maior frequência de realização (53%).

A diferença no índice de realização entre primeira e terceira faixa etária é mais acentuada no *corpus* de 1997-2001 (22%), do que no de 1986-7 (10%). Naquele, a frequência de uso aumenta progressivamente, partindo dos falantes de terceira faixa etária (31%), para os de segunda (41%) e de primeira (53%).

Tais dados apontariam para duas tendências de mudança opostas: nos anos de 1986-7, em direção à perda dos pronomes; e nos anos de 1997-2001, em direção à sua aquisição.

Se nos voltarmos para os pesos relativos, vemos que em ambos os *corpora*, são os falantes de primeira faixa etária os que apresentam maior probabilidade de realização

do pronome (0.57, 0.64), contrapondo-se aos falantes de segunda (0.43, 0.46) e de terceira faixa etária (0.50, 0.40), os quais apresentam no geral a tendência de omissão.

Examinando estes dados à luz dos padrões de variação e mudança do indivíduo e da comunidade propostos por Labov (1994, p.83), vemos que nossos resultados de tempo aparente não se encaixam no modelo de gradação etária. Este pressupõe que os mesmos valores de frequência encontrados nas diversas faixas etárias num ponto de tempo real t1 se repetem em outro ponto de tempo real t2. Nossos dados de frequência, porém, mostram um padrão diferente de realização dos pronomes conforme a idade, nos dois pontos de tempo real (1986-7 x 1997-2001).

Utilizando outro modelo sugerido por Labov (1994), o de mudança na geração, podemos fazer algumas estimativas sobre o padrão de realização conforme a idade. Vejamos: o indivíduo que pertencia à primeira faixa etária em 1986-7, pode, em tese⁶, ter passado para a segunda faixa etária em 1997-2001. Este indivíduo, que empregava o pronome com uma frequência de 37% quando jovem, passou a empregá-lo com uma frequência de 41% quando atingiu a meia idade, ou seja, ele praticamente não alterou seu padrão de realização pronominal.

Comparando a frequência encontrada entre os indivíduos pertencentes à segunda faixa etária de 1986-7 àquela verificada entre os indivíduos de terceira faixa etária de 1997-2001, vemos que o índice de uso do pronome se manteve praticamente igual, respectivamente 32% e 31%. Se esta estimativa estiver correta, podemos assumir que alguns indivíduos não mudaram sua frequência de realização pronominal.

⁶ Não dispomos da idade exata de todos os informantes. Além disto, devemos lembrar que os informantes de 1986-7 não são os mesmos de 1997-2001.

Note-se que a média geral de realização dos pronomes reflexivos se manteve praticamente a mesma nos dois conjuntos de inquéritos (1986-7: 40% e 1997-2001: 42%). Não houve, pois, mudança significativa nesses dois pontos de tempo real.⁷

Se é verdade que a comunidade como um todo não mudou, houve sim mudança na distribuição da variável conforme a idade. A diferença nos índices de frequência de uso pronominal, em tempo aparente, verificada entre um *corpus* e outro, aponta para a possibilidade de mudança na direção da mudança (i.e. de *perda* para *aquisição* dos pronomes reflexivos), já que nos inquéritos de 1986-7 são os falantes mais velhos quem mais empregam estes pronomes, ao passo que em 1997-2001 os jovens assumem a liderança. Os pesos relativos, por seu turno, indicam que em ambos os *corpora*, são os jovens o que têm mais probabilidade de uso do pronome. Tais resultados corroboram os de estudo anterior (RODRIGUES; PEREIRA, 2006), que já havia sugerido uma possível reativação no uso dos pronomes reflexivos na fala de jovens moradores de favelas da capital paulista.

Escolaridade

O último fator social de que trataremos é a escolaridade, que teve relevância somente no *corpus* de 1986-7. A hipótese que norteia a análise deste fator é a de que

⁷ Muitos estudos constataram uma tendência de supressão do pronome reflexivo no português brasileiro (cf. ASSIS, 1988; D'ALBUQUERQUE, 1984; DUARTE, 2002; DUARTE; LOPES, 2002; NUNES, 1991, 1995; PEREIRA, 2006), a qual poderia acarretar em uma mudança lingüística em direção ao seu desaparecimento. Nossos resultados não corroboram esta hipótese. É possível que a mudança em direção à supressão dos reflexivos se dê num ritmo tão lento, que 10 anos sejam tempo insuficiente para detectá-la. Labov (1994, 2001) menciona que a mudança diminui a sua velocidade quando está perto de completar-se, podendo ainda abranger longos períodos sem chegar a um termo. É possível também que estejamos diante de um caso de variação estável. Lembremos que Labov (1972/1991, 1994) nota que a variação não necessariamente implica mudança lingüística e que, uma vez em curso, esta pode interromper-se, ou até mesmo mudar sua direção, conforme a atuação de fatores lingüísticos e sociais. Em nossa pesquisa, todos os informantes, com exceção de um, mostraram variação em sua fala, fato que também aponta para uma variação estável, ou para uma mudança que não está perto de completar-se.

informantes que passaram pela escola, ainda que tenham permanecido nela pouco tempo (até 4 anos), tendem a empregar o pronome reflexivo com uma maior frequência do que informantes de escolaridade nula. Vejamos os resultados:

Tabela 6: frequência e peso relativo de realização do pronome reflexivo segundo a escolaridade do informante

Escolaridade	Corpus de 1986-7		Corpus de 1997-2001
	Frequência	Peso relativo	Frequência
Nula	163/462=35%	0.43	184/444=41%
Até a 4ª série	194/426=45%	0.57	154/360=42%
Total	357/888=40%		338/804=42%

A hipótese se confirma somente nos inquiridos de 1986-7. Nestes, a frequência e peso relativo de realização são maiores entre informantes que possuem alguns anos de escolaridade (45%, 0.57) do que entre aqueles de escolaridade nula (35%, 0.43).

Paradoxalmente, no *corpus* de 1997-2001, este fator não foi relevante, já que os informantes que cursaram algumas séries do primário apresentaram frequência de realização praticamente idêntica à dos analfabetos (respectivamente, 42% e 41%). Isto indica que os poucos anos de escolaridade já não exercem peso na aquisição dos pronomes reflexivos por parte destes falantes do português popular.

Considerações finais

O estudo quantitativo da variação entre realização x não-realização das formas pronominais reflexivas no português popular de São Paulo a partir de fatores sociais aponta para o fator procedência como um dos mais significativos. No *corpus* gravado em 1986-7, são os informantes provenientes do Nordeste (Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Ceará) os que mais realizam os reflexivos (frequência: 72%; peso relativo:

0.79). Tais informantes – que à época tinham recentemente se instalado em São Paulo – contrapõem-se àqueles provenientes das outras três regiões, os quais tendem a omitir estes pronomes em sua fala (São Paulo – capital: 35%, Noroeste do estado de São Paulo e Norte do Paraná: 29%, Norte de Minas Gerais e Sul da Bahia: 29%). Nos dados gravados em 1997-2001, os informantes nordestinos – muitos deles instalados há mais de 20 anos em São Paulo – igualmente empregam os reflexivos com uma frequência maior (47%) que a dos informantes provenientes de outras regiões, mas a diferença não chega a ser tão significativa. Tais achados sugerem a possibilidade de que a interação com informantes da região Sudeste tenha contribuído para a difusão da variação, levando a um aumento dos casos de apagamento do pronome na fala dos informantes nordestinos.

A favela onde reside o informante e onde se estabelece sua primeira rede social também tem influência nesta variação. No *corpus* de 1986-7, constatamos que a diferenciação pode ocorrer entre favelas muito próximas, como as do Jardim Carombé e Jardim Paulistano, ambas na zona norte. Os dados de 1997-2001 apontam para uma tendência de omissão nas favelas próximas do centro de São Paulo, e uma tendência de realização dos pronomes reflexivos em favelas da periferia, como é o caso daquelas situadas na zona leste e extremo sul da cidade.

A escolaridade se mostra relevante nos dados de 1986-7, quando os falantes com alguns anos de escolaridade apresentavam uma maior frequência e peso relativo de utilização dos reflexivos do que os analfabetos. Nos dados de 1997-2001, porém, o grau de escolaridade já não exerce peso nesta variação.

A análise da variação em tempo real e tempo aparente revela que, nos anos de 1986-7, eram os falantes de terceira faixa etária os que mais realizavam os pronomes reflexivos (47%). Já nas entrevistas de 1997-2001, eram os adultos jovens os que

apresentavam maior frequência de realização (53%). Estes dados parecem sugerir uma mudança na direção da mudança: de uma tendência de apagamento para uma tendência de realização dos pronomes reflexivos. Os pesos relativos corroboram esta hipótese: são os jovens os que têm maior probabilidade de realização, o que pode indicar uma reativação no uso desses pronomes, liderada pelos falantes de primeira faixa etária.

Os resultados encontrados mostram que a análise da combinação de fatores sociais – tais como escolaridade, idade, procedência, tempo de residência na comunidade urbana e favela onde reside o informante – pode ser uma estratégia válida para explicar fenômenos variáveis do português popular, como a realização x não realização dos pronomes reflexivos.

Referências Bibliográficas

ASSIS, R. M. (1988). Variações lingüísticas e suas implicações no ensino do vernáculo: uma abordagem sociolingüística. In: LIRA, S.; VANDRESEN, P. (eds.) *Ilha do Desterro* 20, p.59-81.

CASTILHO, A. T. de (2001). Para um programa de pesquisas sobre a história social do português de São Paulo. In: MATTOS E SILVA, R. V. (org.). *Para a História do Português Brasileiro: Volume II: Primeiros Estudos*. Tomo II. São Paulo, Humanitas/FAPESP, P. 337-369.

D'ALBUQUERQUE, A.C.R.C. (1984). A perda dos clíticos num dialeto mineiro. *Tempo Brasileiro* 78 79, p.97-121.

DUARTE, M.E.L. (2002). Construções com *se* passivador e indeterminador em anúncios do século XIX. In: ALKMIM, T. M. (org.). *Para a História do Português Brasileiro. Volume III: Novos Estudos*. São Paulo, Humanitas/Unicamp-USP, P.155-176.

DUARTE, M.E.L.; LOPES, C.R.S. (2002). Realizaram, realizou-se ou realizamos...? As formas de indeterminação do sujeito em cartas de jornais do século XIX. In: DUARTE, M.E.L.; CALLOU, M.I. (orgs.). *Para a História do Português Brasileiro. Volume IV: Notícias de corpora e outros estudos*. Rio de Janeiro: UFRJ-Letras/Faperj.

LABOV, W. (1972/1991). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 11ª ed, 1991.

LABOV, W. (1994). *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford-UK/Cambridge-USA, Blackwell Publishers, vol 1.

LABOV, W. (2001). *Principles of Linguistic Change: External Factors*. Cambridge/Philadelphia, Blackwell Publishers, vol 2.

NUNES, J. (1991). *Se* passivador e *se* indeterminador: O percurso diacrônico no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 20, p.33-58.

NUNES, J. (1995). Ainda o famigerado *se*. *Delta*, vol. II, no.2, p.201-240.

OLIVEIRA, M. (2006). Nós *se* cliticizou-se? In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (orgs.) *Para a História do Português Brasileiro. Volume VI: Novos Dados, Novas Análises*. Salvador, EDU/FBA.

PEREIRA, D. C. (2006). Passivas Reflexivas no português brasileiro popular. *Estudos Lingüísticos XXXV*. Campinas, São Paulo, Gel.

PEREIRA, D. C. (2007). *Variação e mudança no uso dos pronomes reflexivos no português popular da capital paulista: Uma abordagem funcionalista e cognitivista*. São Paulo, FFLCH/USP, Tese de Doutorado, inédita.

RODRIGUES, A.C.S. (1987). *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. São Paulo, USP, Tese de Doutorado.

RODRIGUES, A.C.S.; PEREIRA, D.C. (2006). Pronomes reflexivos no português popular brasileiro. In: VALENCIA, A. (ed.) *XIV Congresso Internacional de la ALFAL*. Monterrey (México). Cópia em CD.